

## MULHERES DO MMA: UMA ANÁLISE COMUNICACIONAL SOBRE GÊNERO NAS COBERTURAS MIDIÁTICAS DO UFC

Bruna Emy Camargo<sup>1</sup>, Tarcyanie Cajueiro Santos<sup>2</sup>

1. Estudante de IC da Universidade de Sorocaba

2. Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Sorocaba

### Resumo:

Este trabalho objetiva entender como a mídia representa as atletas do Ultimate Fighting Championship (UFC). Para tanto, fizemos um levantamento de reportagens veiculadas nas manchetes de quatro portais brasileiros de notícias sobre as atletas, comparando-as aos atletas homens e utilizando a análise de conteúdo como metodologia. O referencial teórico se apoiou nos estudos de gênero (BUTLER, 2003), performatividade do corpo (BENTO, 2006), transformações sociológicas sobre a condição feminina (LIPOVETSKY, 2000), estigma (GOFFMAN, 1988) e teoria social da mídia (THOMPSON, 2002). A pesquisa concluiu que a recorrência de notícias sobre as mulheres lutadoras do UFC nos veículos de imprensa selecionados é escassa em relação à dos homens e, quando em destaque, manchetes com notícias da vida pessoal são recorrentes em detrimento às conquistas profissionais.

**Palavras-chave:** Comunicação. Mídia e Esporte. Artes Marciais Mistas.

**Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição:** Universidade de Sorocaba (Uniso)

### Introdução:

O Ultimate Fighting Championship (UFC) é uma organização esportiva idealizada por Rorian Gracie e vendida para Lorenzo Fertitta, Frank Fertitta III e Dana White, nos Estados Unidos, em 1993, para propagar as Artes Marciais Mistas (MMA) e encontrar o “campeão supremo”<sup>1</sup>. Sob o conceito de um torneio envolvendo jiu-jitsu, caratê, boxe, sumô e outras modalidades de luta, o UFC foi a competição com o crescimento mais rápido da história.

A ideia inicial, no entanto, não foi concebida em solo norte-americano. Nos anos 1930, o Rio de Janeiro sediou o evento Lutas Mistas para receber atletas de vale-tudo – uma luta sem regras da qual competidores de diferentes modalidades participavam. O organizador Carlos Gracie fez com que a prática se propagasse por todo o Brasil até que, em 1984, o evento Noite das Artes Marciais consagrou a novidade no Maracanã. Pouco depois, Rorion Gracie, sobrinho de Carlos, levou o vale-tudo para os Estados Unidos.

A estruturação do UFC como organização foi midiática desde o início. O projeto inicial chamava-se War of The Words e reuniu diversas parcerias para tornar a competição um evento midiático; com o apoio de Bob Meyrowitz, dono da Semaphore Entertainment Group (SEG), as lutas começaram a ser produzidas e transmitidas na televisão. Atualmente, com sede em Las Vegas, o UFC tem mais de 40 eventos ao vivo por ano e é o maior provedor de pay-per-views do mundo, com mais de 800 milhões de lares acompanhando cada uma das lutas em 129 países diferentes.

Dos 680 atletas registrados na competição em janeiro de 2017, aproximadamente 11% eram mulheres. O sexo feminino apenas foi aceito nas lutas em dezembro de 2012 e, em fevereiro do ano seguinte, a campeã olímpica de jiu-jitsu Ronda Rousey derrotou Liz Carmouche no UFC 157, tornando-se a primeira vencedora da modalidade. Naquela luta, Ronda consagrou-se como a maior lutadora de UFC e seu nome passou a ser usado como referência para o sucesso do MMA feminino mundial. Porém, no dia 14 de dezembro de 2015, Ronda perdeu pela primeira vez na competição e a mídia, que antes a exaltava, mudou o enfoque das manchetes.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como as lutadoras do MMA são representadas pela mídia. Para tanto, apresentamos uma análise sobre como a mídia brasileira tratou as atletas do MMA desde a criação da modalidade feminina no UFC até a segunda derrota de Ronda Rousey e ascensão de lutadoras que até então recebiam menos atenção.

### Metodologia:

A metodologia compreende o método qualitativo, no qual se leva em consideração as significações de um texto. Com base na análise de conteúdo de Bardin (2006), fizemos uma pré-análise e depois operacionalizamos e selecionamos o corpus. O corpus foi construído a partir da escolha de quatro portais de notícias: “O Estado de S. Paulo” e “Folha de S. Paulo” foram selecionados por serem os dois maiores jornais impressos do Estado; o “Globo.com”, pela grande variedade de assuntos tratados junto à ênfase às personalidades midiáticas; e, por fim, a “Revista Tatame”, por tratar exclusivamente do UFC.

Três palavras-chaves foram escolhidas para construção do corpus, sendo elas “UFC”, “Ronda Rousey”

<sup>1</sup> <<http://www.ufc.com.br>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

e “Anderson Silva UFC”. “UFC” foi utilizado apenas no portal “O Estado de S. Paulo” para observar a dimensão da noticiabilidade da prática no jornal líder em circulação na Grande São Paulo<sup>2</sup>. “Ronda Rousey” foi utilizada em todos os sites, pelo fato de a lutadora ter sido a primeira campeã feminina do UFC<sup>3</sup>. Já “Anderson Silva UFC” foi pesquisado para que um comparativo fosse criado em relação ao lutador considerado um dos melhores do mundo<sup>4</sup>; a escolha pelo portal da “Folha de S. Paulo” resultou da intenção de diversificar a fonte de confiança e observar a frequência com a qual um lutador de UFC tem atenção no portal do jornal mais lido do país há três décadas<sup>5</sup>.

Durante a exploração do corpus, as manchetes foram separadas em categorias elaboradas a partir das palavras-chaves. Para “UFC”, “Título masculino” e “Título feminino” foram criadas para separar as manchetes cujo foco referia-se a um determinado gênero; como nem todas as manchetes referiam-se claramente a apenas homens ou apenas mulheres, “Título neutro” foi criada. “Título não-válido” referia-se às manchetes que nada tiveram a ver com a prática esportiva UFC, mas usavam a mesma sigla, como a Universidade Federal do Ceará.

Já para a pesquisa em relação aos lutadores Ronda Rousey e Anderson Silva, as categorias criadas refletiam os temas de manchetes encontradas durante a exploração do corpus, sendo: “Sobre lutas”, “Sobre vida pessoal”, “Com comentários” e “Citações no corpo do texto”.

A partir daí, o inventário e a classificação foram feitos, conforme sugere Bardin (2006). O tratamento dos resultados consistiu em associar a análise do corpus levantado às teorias. Assim, pôde-se associar o material desta pesquisa aos estudos já existentes.

### **Resultados e Discussão:**

Em três pontos, destacados nos subtítulos a seguir, esta pesquisa observou que a recorrência de notícias sobre as mulheres lutadoras de MMA nos veículos de imprensa selecionados é escassa em relação à dos homens e tem tratamento diferente do dado aos atletas masculinos, como veremos na elucidação dos resultados logo abaixo.

#### **1. Homens ganham mais evidência que mulheres**

O portal do jornal “O Estado de S. Paulo” veiculou 84 matérias sobre lutadoras de MMA em um período de nove anos – desde a ocorrência da primeira manchete sobre a prática esportiva. Das 2.472 notícias nas quais a sigla “UFC” estava presente, o número representa 3,4% do total. Mesmo considerando que o UFC masculino possui 11 anos a mais de história que o feminino, ainda houve desproporcionalidade. Em uma hipotética relação direta na qual 24 anos correspondem a 1.388 manchetes, pelo menos 289 matérias sobre as mulheres lutadoras poderiam ter sido publicadas nos cinco anos de existência da competição feminina.

Com dados de janeiro de 2017, o UFC conta com 680 atletas registrados na competição. Destes, apenas 75 eram mulheres, aproximadamente 11%. De volta à equivalência, com 1.388 manchetes para 605 lutadores, as mulheres deveriam ter sido destaque em pelo menos 172 publicações. Independentemente da conta feita, entende-se que o sexo feminino não recebe a mesma cobertura midiática que o masculino.

#### **2. Caso Ronda Rousey**

A palavra-chave “Ronda Rousey” foi utilizada em todos os portais propostos. “O Estado de S. Paulo” listou 136 resultados; a “Folha de S. Paulo”, 110; o “Globo”, 399; e a “Tatame”, 572. A campeã de jiu-jitsu teve exposição positiva após vencer o UFC 157; as manchetes iniciais citavam seus atributos físicos e a elevavam à categoria de ‘musa’, pois, segundo Goffman (1988, p. 73), todo mundo é “uma entidade sobre a qual se pode estruturar uma história”.

Mesmo como atleta feminina mais divulgada pela mídia, Ronda Rousey ainda tinha baixa presença nas manchetes dos veículos de comunicação se comparada aos seus companheiros masculinos. Um exemplo é o brasileiro Anderson Silva, que quando inserido como palavra-chave no site da “Folha de S. Paulo”, gerou 663 matérias entre 9 de setembro de 2005 e 1º de janeiro de 2017, período total de resultados.

Observou-se ainda que, das poucas matérias encontradas sobre a lutadora, a minoria era a respeito de lutas quando comparadas às outras categorias. A categoria “Citações” foi a que possuiu mais resultados na “Folha” e no “Estadão”, grandes jornais de circulação do Estado em que o nome da lutadora foi mencionado

<sup>2</sup> <<http://www.anj.org.br/2015/10/20/estado-e-o-jornal-lider-em-circulacao-na-grande-sao-paulo/>>. Acesso em 18 jul. 2017.

<sup>3</sup> <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2012/11/ronda-rousey-se-torna-primeira-lutadora-feminina-do-ufc-diz-site.html>>. Acesso em 18 jul. 2017.

<sup>4</sup> <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2012/06/os-recordes-veja-por-que-anderson-e-considerado-o-melhor-lutador-no-mma.html>>. Acesso em 18 jul. 2017.

<sup>5</sup> <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/02/1744086-a-partir-do-jornal-grupo-folha-se-diversificou-e-hoje-tem-5-empresas.shtml>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

mesmo quando ela ou MMA feminino não era o tema principal.

Já a grande ênfase em uma única lutadora da competição gerou a reação exagerada das demais atletas. Embora a agressão verbal seja comum aos atletas do UFC antes, durante e depois dos embates, em uma demonstração viril, as mulheres referiam-se umas às outras em tom ameaçador pendendo para o pessoal. A aparência física de Ronda, por exemplo, foi alvo de comentários por parte de suas oponentes, pois ela recebeu um estigma de ‘musa do esporte’ ou ‘bela do octógono’ e, conforme, definido por Goffman (1988, p. 7), o estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. O encontro entre estigmatizados e ‘normais’ leva ao desconforto e à incerteza, o que pode motivar ainda mais atrito.

A imagem perpetuada em um estereótipo de que homens são mais intimidadores em competições que mulheres também vem à tona quando o assunto é UFC. Butler (2003) destaca a importância em lembrar do sexo como um fator biológico e do gênero como uma construção cultural, questionando o contexto sob o qual as ideias são construídas. Bento (2006, p. 19) afirma que os corpos são “arquivos vivos de uma história de exclusão”. Dito de outro modo, o físico feminino carrega um estigma de ‘sexo frágil’, mas a problemática surge porque, de acordo com a autora, a linguagem não apenas descreve a realidade como também pode produzi-la, assim, perpetuando-a.

Portanto, o enfoque em Ronda com especificidade ao tratar de seu corpo, competitividade e fracasso como estigmas de sua identidade provocariam as reações negativas das outras competidoras e gerariam uma crise de performatividade (BENTO, 2006) nela mesma. O gênero precisaria ser libertado para ser um fenômeno inconstante (BUTLER, 2003), ou seja, em mudança e construção o tempo todo, e não definido pelos estereótipos reproduzidos na mídia.

### **3. Notícias esportivas ou coluna de fofocas?**

As lutas do UFC foram concebidas como um acontecimento midiático, planejadas com antecedência e transmitidas ao vivo (THOMPSON, 2002), o que desencadeou um envolvimento dos espectadores que a mídia não pôde controlar. O pay-per-view e o feedback pelas mídias sociais levou à quase-interação televisiva definida por Thompson; o público, então, criou empatia pelos atletas e passou a levantar a bandeira por favoritos nas competições – e fora delas.

Como a transmissão de lutas entre mulheres poderia não ser o bastante para atrair o público do UFC, veículos de comunicação passaram a considerar importante também mostrar quem elas eram, o que faziam e como viviam – afinal, o gênero feminino no octógono era uma exceção. A atenção dedicada à Ronda nas manchetes concentra-se em padrões de beleza, sexualidade e a – para mídia – surpreendente possibilidade de manter a feminilidade em um ambiente masculinizado.

Enquanto isso, o lutador Anderson Silva não teve repercussão similar em questões de sua vida pessoal no site da “Folha de S. Paulo”. Das 663 matérias encontradas no período pesquisado, a maioria referia-se à lesão na perna em 2013 e o caso de doping em 2015. O veículo, no entanto, propunha, através dos enfoques escolhidos, manter a empatia pelo atleta brasileiro mesmo em seus casos de crise, suscitando o patriotismo e a solidariedade.

### **Discussão**

Com o objetivo de expor a representação das matérias veiculadas pela mídia a respeito das lutadoras UFC, os resultados mostraram a brevidade da imprensa em apresentar tal prática esportiva apenas como é: de fato, mais uma prática esportiva. A insurreição feminista presenciada ao redor do mundo apoia a ideia de que as mulheres têm o direito às mesmas atividades de homens sem julgamento, assim como a recíproca seria verdadeira. Porém, pelo observado nos resultados da pesquisa, uma mulher no octógono tem atenção sob perspectiva diferente da de um homem.

A pesquisa também observa que os conglomerados de comunicação têm o poder de criar e desconstruir personalidades através das manchetes e pontos de vista expostos. A atleta Ronda Rousey pode ter sido a primeira mulher a assinar com o UFC e a manter a hegemonia como vencedora, e isso a fez ganhar manchetes nas quais seus atributos eram vangloriados; porém, no instante em que perdeu o cinturão, assistiu à própria imagem sendo deposta, criticada e questionada por aqueles que antes a elevavam.

Enquanto Ronda estava presente midiaticamente através de repetidas matérias exaltando seu físico e invencibilidade, as demais lutadoras partilhavam espaço menor e, quando o tinham, eram expostas a competições com Ronda ou a comentários feitos sobre ela. Isso pode ter fomentado a problemática entre as atletas do UFC, dando mais poder àqueles que incitam a rivalidade entre as colegas dentro e fora do ringue.

### **Conclusões:**

A quantidade de estudos sobre a relação entre mídia e mulheres no UFC ainda é escassa, uma vez que apenas uma dissertação, de Grespan (2014), foi encontrada quando esta pesquisa foi realizada. O corpus

do nosso trabalho, analisado a partir dos estudos teóricos, indica que a reprodução dos estereótipos de gênero é uma problemática recorrente também na veiculação midiática do UFC, seja pelo menor destaque às mulheres, seja pela diferença no enfoque. A constatação reforça a pesquisa de Grespan (2014).

O tempo de estudo foi insuficiente para analisar o UFC como empresa, mas o levantamento de dados mostra que os atletas não receberiam o mesmo tratamento da imprensa. A vasta quantidade de material encontrado nos portais on-line de notícias impediu maior aprofundamento nas mesmas, mas a categorização de manchetes evidencia o olhar direcionado pela mídia aos assuntos que tratam dos atletas. Houve ainda maior dedicação ao trabalho no referencial teórico, o que exigiu a maior parte do tempo da pesquisa. Com os textos estudados, entende-se como o tratamento da mulher faz-se presente nessa questão, uma vez que um estigma seria imposto às lutadoras e que o acontecimento comunicacional da organização gera uma recepção diferenciada do público.

Portanto, esta pesquisa cumpriu o objetivo de compreender a construção midiática das mulheres lutadoras de MMA, além de identificar a abordagem sobre gênero feita pelos veículos analisados e apontar quais seriam as diferenças encontradas.

### Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOLHA DE S. PAULO: "**Anderson Silva UFC**". Disponível em <<http://search.folha.uol.com.br/?q=anderson+silva+ufc>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

FOLHA DE S. PAULO: "**Ronda Rousey**". Disponível em <<http://search.folha.uol.com.br/?q=ronda+rousey>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

GLOBO.COM: "**Ronda Rousey**". Disponível em: <<http://www.globo.com/busca/?q=ronda+rousey>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GRESPLAN, Carla Lisbôa. **Mulheres no Octógono**: performatividades de corpos e de sexualidades. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRS, Porto Alegre, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: a permanência e a revolução do feminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MMA BRASIL: "**UFC**". Disponível em: <<http://mmabrasil.com.br/saiba-mais/lista-de-organizacoes-de-mma/ufc>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO: "**Ronda Rousey**". Disponível em <<http://www.busca.estadao.com.br/?q=ronda%20rousey>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

O ESTADO DE S. PAULO: "**UFC**". Disponível em <[http://www.busca.estadao.com.br/?tipo\\_conteudo=Todos&quando=&q=ufc](http://www.busca.estadao.com.br/?tipo_conteudo=Todos&quando=&q=ufc)>. Acesso em: 7 dez. 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 235-249, 2000.

TATAME: "**Ronda Rousey**". Disponível em <<http://www.tatame.com.br/search?query=ronda+rousey>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

**UFC**: Site Oficial. Disponível em: <<http://www.ufc.com.br>>. Acesso em: 30 jan. 2017.